

linha viva

Número 429 . 25 Setembro 97 . Intersindical dos Eletricitários de SC

ASSEMBLÉIAS APROVAM PROPOSTA DA CELESC

Em 10 de outubro todos os empregados receberão 75% de gratificação anual, mais abono de 30% em 10 de março de 98. Também será implantado o tão esperado ticket-refeição, num prazo de até 120 dias a partir da assinatura do acordo. Até lá permanece o sistema atual e com o mesmo valor. A partir do novo sistema, o valor passa para R\$ 6,00.

INDIVIDUAL

Saem do Acordo Coletivo e passam para o Contrato Individual: aposentadoria às mulheres, auxílio deficiente, ausências justificadas, licença prêmio, anuênio, gratificação de 25 anos, manutenção da rubrica separada (produtividade e CCQ).

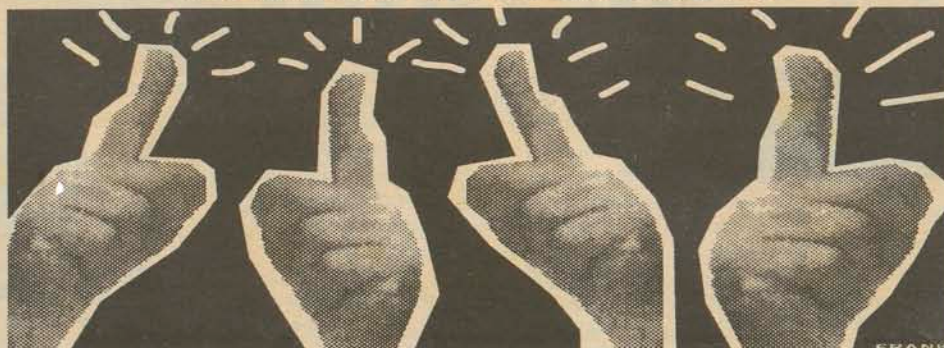
APOSENTADORIA

O Programa de preparação à aposentadoria e acompanhamento e integração dos aposentados e pensionistas foi incluído no ACT e assim a Intercel terá como cobrar. Já o programa de prevenção e tratamento do alcoolismo e outras dependências químicas vai estender seu trabalho também aos aposentados.

FÉRIAS COLETIVAS

Durante a última reunião de negociação o presidente Eduardo Pinho Moreira garantiu que a diretoria vai revogar a deliberação que implantou as férias coletivas. Os eletricitários podem novamente programar o seu merecido descanso.

Nesta semana os celesquianos de todo o Estado aprovaram a proposta final apresentada pela Celesc na última reunião de negociação ocorrida na quinta-feira passada, da qual participou o presidente Eduardo Pinho Moreira. A maior conquista nesta pauta foi a garantia de emprego por dois anos. Com esta certeza os empregados podem trabalhar mais tranquilos, já que a estabilidade dificulta qualquer processo de privatização da empresa. Além disso a discussão sobre o modelo ideal de empresa pública poderá ser discutido sem temores. Neste ano as conquistas não serão pagas pelos empregados. Depois de seis anos, o acordo é fechado sem greve.



Em relação à pauta do ano passado, esta avançou em alguns pontos. O abono constitucional de férias de 33% será estendido a todos os empregados. Mas atenção:

- ações transitadas em julgado (ganhas pelo empregado em última instância); a Celesc paga o passivo e passa a pagar também o abono no vencimento do período aquisitivo de férias;

- empregados que perderam a ação na justiça: passam a receber normalmente a partir da assinatura do acordo;

- empregados que têm ação tramitando na justiça e que quiserem desistir da mesma, recebem abono mas não recebem o passivo.

- empregados que têm ação e querem continuar, ficarão aguardando a decisão judicial, sem receber o abono.

logicamente, acatará a sentença. Caso contrário, continuarão sem receber os 33% de férias muito menos o passivo.

- Também terão esse direito todos os empregados que forem admitidos a partir de 1º de outubro de 1997.

A reposição será de 3,96%; 2,96% de reajuste mais 1% relativo ao PCS. Em julho do ano que vem os empregados vão ter promoção por mérito. O número de dirigentes sindicais foi ampliado para 17, o sobre-aviso enfim foi regulamentado conforme as solicitações da Intercel e será criado um grupo de trabalho para disciplinar o PL no próximo ACT.

A assinatura do acordo será dia 30 de setembro, às 16 horas na sede da Celesc.

MAS AINDA NÃO É O ACORDO DOS SONHOS...

Algumas reivindicações do ACT não foram aceitas pela diretoria. Uma das mais discutidas é a que trata da pensão para maridos que, segundo a direção, é muito cara para a empresa que hoje não teria condições de cumprir esta cláusula. Assim, por mais um ano, a Celesc deixa de atender um direito constitucional das mulheres. Isto vem acontecendo desde 1988, com a nova Constituição. A reposição de pessoal mediante concurso público, a indenização por danos em veículos, o horário de verão para as equipes de linha-viva, a extensão de todos estes direitos aos que vierem a ser admitidos a partir desta data base, e o programa de verificação de segurança no trabalho durante a SIPAT, são cláusulas não incluídas neste acordo.

O ouvidor continua sendo indicado pela diretoria, não por eleição direta como sugeria a pauta. A diretoria também ficou de apresentar uma contra proposta para garantir uma boa condição de trabalho ao representante dos empregados no Conselho de Administração através de deliberação. A Intercel sugeriu que fosse nos mesmos moldes do ouvidor.

Campanha fazendo escola

Alunos do maior colégio de Palhoça mostram-se preocupados com as privatizações

"Se a privatização é tão ruim, por que ninguém faz nada? Que tipo de movimento pode ser feito contra a privatização? A conta da luz vai ficar mais cara? Por que a campanha contra a privatização não começou logo que se iniciou a falar no assunto? O que o governo Paulo Afonso tem feito com relação à privatização? E o que os próximos governantes vão administrar se agora os órgãos (empresas) forem vendidos?" Estas e muitas outras perguntas foram feitas por estudantes de cursos

Os mais de 200 jovens mostraram-se surpresos com as drásticas consequências que a privatização traz à sociedade e em especial para aqueles que buscam uma profissão e a maioria não terá lugar no mercado de tra-



Alunas do magistério interessadas na campanha

interesses de grandes grupos econômicos nacionais e internacionais e que o mesmo não está nem um pouco preocupado com o bem estar da população.

A iniciativa do debate partiu da professora de economia Miriam Wagner, que aliás, é esposa de um empregado da Eletrosul. Ela tem a ajuda de outra esposa de um eletricitário da Celesc

mesmo respondendo uma das questões (Por que ninguém faz nada?), deixaram bem clara aos estudantes a sua responsabilidade: o jovem de 16 anos não pode dirigir um carro, mas pode eleger o presidente do país. Por isso também devem tomar para si a tarefa de construir o país que querem viver. Como atividade de cidadania e preocupação com a administração do seu município, ficou a sugestão de assistir a sessões da Câmara de Vereadores e cobrar daqueles

eleitos pelo voto popular, a sua legítima função: lutar pelos direitos e pela melhoria da qualidade de vida do cidadão. E, se for preciso, ir para as ruas, espaço legítimo e democrático do povo, lutar e exigir seus direitos.



"O que os próximos vão administrar se tudo for vendido agora?" **Eliete Matos Raulino**



"O que pode ser feito contra a privatização?" **Elaine Liberato**

balho. "Este processo de privatização não tem limite. O Estado não tem mais nenhum compromisso com a educação", falou Mauro Passos, sobre a importância do ensino, saúde, energia públicos. "A gente só vai se dar conta quando

apertar o plug e a lâmpada não acender mais. E depois das empresas não serem mais públicas, qual é a empresa privada que vai levar energia para quem não gasta muita luz, não tem eletrodomésticos e às vezes não poderá sequer pagar a conta?", questionou Margarida Sampaio. Dinovaldo Gilioli falou do papel do sindicato na campanha e apresentou outras atividades da entidade. Comentou que o governo, ao privatizar, só atende

e também professora da escola, Tânia Olivia Jahn, e ainda o apoio da direção. "Nossos alunos não têm noção do que se passa no mundo e precisam ser alertados", justifica Miriam. Os palestrantes, até

Domingo é sagrado

Nos últimos meses tem-se discutido a possibilidade de que o comércio funcione também aos domingos, principalmente nas capitais e maiores cidades. A princípio a idéia parece boa, afinal qual é o consumidor que não gostaria de ter todos os serviços a sua disposição 24 horas por dia? Mas a visão precisa ser outra.

Em Santa Catarina várias pesquisas foram feitas e nenhuma aprova o novo horário. Uma delas, encomendada pela Federação dos Trabalhadores do Comércio (Fecesc), apontou que 91% dos comerciantes são contra o trabalho nos domingos e outros 90% não aprovam também



aos feriados.

Além disso, de acordo com a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços, a abertura do comércio aos domingos não vai melhorar a vida da população porque o problema do brasileiro não é falta de tempo e sim de dinheiro para comprar. A pesquisa da Fecesc junto aos consumidores apontou que 79,5% não

comprariam mais se o comércio abrisse domingos e feriados. Outra, encomendada pelo Sindicato dos Comerciantes de Florianópolis mostra que 83,9% dos consumidores estão satisfeitos com o atual horário. Nem os próprios empresários entram em consenso. Na capital, 90,9% dos 98 lojistas e gerentes, não concordam com mudanças no horário. O mito de que a medida iria gerar emprego também é falsa. Dos 9% dos empresários que são a favor da mudança, 67,45% disseram que não vão contratar e sim fazer revezamento dos atuais empregados.



Agenda da Campanha

25 de setembro
quinta-feira

10 h30 - Debate no Colégio Estadual de Laranjeira do Sul, Paraná.
11 horas - Reunião do Fórum Nacional de Defesa do Setor Elétrico, em Brasília.
15 horas - Debate na Câmara de Vereadores de Saudade, Paraná.
19 horas - Debate na Câmara de Vereadores de Laranjeira do Sul

26 de setembro
sexta-feira

19h 30min - Debate na Câmara de Vereadores de Laguna.

27 de setembro
sábado

Aniversário dos 36 anos do Sinergial (veja matéria ao lado)

ELEIÇÃO DA CIPA

No próximo dia 3 de outubro acontece a eleição para a nova composição da CIPA da Administração Central da Celesc. Quem tiver interesse em candidatar-se, as inscrições ficam abertas até o dia 30 de setembro, na Divisão de Segurança e Medicina do Trabalho, sala 6814.

FEIRA DO LIVRO

Começou nesta semana a 12ª Feira do Livro de SC e a 2ª de Florianópolis e se estende até dia 3 de outubro, na Assembleia Legislativa. No dia 30, às 18 horas, o eletricitário e diretor do Sinergia, Dinovaldo Gilioli, vai lançar seu 4º livro de poesia: **CANÇÃO PARA ACORDAR PEIXES**, Ed. Letras Contemporâneas. O horário da feira vai das 9 às 21, inclusive aos sábados e domingos.

AQUI SE FAZ...

Depois de ter sido exposto ao ridículo público, ao ser chamado de incompetente pelo seu chefe (o ministro Serjão), Amílcar Gazaniga foi finalmente posto na rua dos Correios, com muitos constrangimentos. Falta muito ainda para ele pagar a imensa conta de mais de mil demissões que provocou na Eletrosul, mas aos poucos ele chega lá.

SAÚDE

Continuam abertas as inscrições para o curso **SAÚDE E AMBIENTE DE TRABALHO**, que começará dia 30 e vai até 2 de outubro, no Sindicato dos Bancários de Florianópolis. O local de trabalho é onde se passa a maior parte do tempo. Oferecer um método onde todos tenham conhecimento do ambiente e da organização para reduzir os riscos de acidentes é uma tarefa de todos, e especial dos cipeiros. Participe! Informações com Viviani: 224-9114.

Sábado tem festa do Sinergia!

Jogos, churrasco, música, dança, brincadeiras e muita descontração. Assim será a comemoração dos 36 anos do Sinergia no sábado, dia 27, na Associação Beneficente dos Servidores do Sistema Fiesc (ASFISSI), Campeche. A festa, que foi uma deliberação da 2ª Plenária contra a Privatização, quer confraternizar os associados e suas famílias, funcionários e diretores do sindicato. As atividades esportivas programadas são as seguintes: futebol suíço (masculino e feminino), vôlei misto, bocha simples, canastra e dominó. Também terá tênis de quadra e sinuca. As crianças vão ter atividades de recreação enquan-

to os pais podem também participar de um concurso de dança. Tudo isso embalado pela banda Show Brasil. Você é o motivo principal desta nossa festa. Participe! Maiores informações no Sinergia (224-9114), com Marcos Sumar na Celesc (237-6111) ou Cláudio Corrêa na Eletrosul (242-1103). Endereço da Asfissi (Avenida Geral do Campeche, 2480; fone 237-4040). Para quem for de ônibus: pegar no Terminal Florianópolis, ônibus da linha Campeche (empresa Ribeironense), que passa em frente à associação. Para quem for de carro: pegar estrada geral do Campeche que vai até a beira da praia - antes de chegar no mar dobrar na última entrada de barro.



valem nada, que temos de dar graças a Deus por ter alguém interessado em comprá-las. Só falam em dinheiro”.

LUCROS PRIVADOS

A história de Machadinho começou há dez anos. Naquela época a barragem seria construída pela Eletrosul. A obra beneficiaria toda população brasileira. “Mas agora ela foi privatizada. O objetivo passou a ser o lucro do consórcio GEA (Grupo de Empresas Associadas, entre eles a Alcoa e Camargo Corrêa).” Esta mudança, acreditam os proprietários das terras atingidas, altera tudo. “Mudou o jeito de negociar. A terra é minha, e agora eu quero dizer quais serão os critérios para vendê-la, mas eles não aceitam. Querem ditar as regras: estabelecer o preço da terra, dizer como se deve negociar. Se esquecem que estamos falando de propriedade particular”.

Depois que o consórcio assumiu a obra, o papel da Eletrosul também mudou. Os agricultores começaram a se mobilizar, passaram a impedir a entrada de funcionários nas suas propriedades e organizaram reuniões de oposição à construção da barragem. “Desde que a Camargo Correa, a Alcoa chegaram aqui, a Eletrosul passou a processar, na Justiça, as lideranças do movimento. Tem gente com oito processos nas costas. Processos em que a Eletrosul cobra multas de até R\$ 8 mil por dia por mobilização. Eles vão atrás de pessoas. Procuram personalizar para nos intimidar”, explica Delmar. Ele conta que, paralelamente, a Eletrosul passou a difamar as lideranças. “Chegaram ao ponto de colocar material roubado na propriedade de um agricultor, que está com um processo rolando na Justiça”.

Segundo o MAB, tem gente esperando, desde 1987, que a empresa pague os prejuízos causados em suas terras. “Os funcionários entraram para fazer trabalhos de topografia, derrubaram árvores para colocar marcos, destruíram plantações. Se eles se acham no direito de fazer isto, também temos o direito de não querer que eles derrubem e destruam o que é nosso e cobrar o que quisermos pelos danos”.

Atualmente, o canteiro de obras de Machadinho já está funcionando. “A Eletrosul está com pressa para negociar com os donos das propriedades onde está o canteiro. Para estes - uns poucos - oferecem qualquer coisa, pagam inclusive a madeira e lenha. Eles trabalham com o objetivo de criar um fato consumado. Daqui há três anos a barragem está pronta e então o restante dos agricultores serão forçados a negociar por qualquer preço”.

EDITORIAL

Onde estão os responsáveis pela Eletrosul?

Desde quando começou o Programa Nacional de Desestatização (PND), nunca surgiram tantas manifestações de preocupação sobre os resultados e as consequências deste programa como agora.

No meio desta política de terra arrasada, onde os interesses maiores da nação sucumbem diante das negociatas permitidas e alimentadas pela convivência de uns e a ganância de outros, vozes se levantam contra tamanha leviandade.

Até mesmo o governador do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar, que privatizou tudo que pode no seu estado, num momento onde a lucidez e o arrependimento afloraram, explicitou, publicamente, sua contrariedade com a privatização de Furnas. Em artigo assinado (O Globo de 20/08) ele lembra que a lógica do capital privado não privilegia o bem público e que a manutenção de Furnas representa para o estado o poder político neste segmento de infra-estrutura essencial para o desenvolvimento sócio-econômico do Rio de Janeiro.

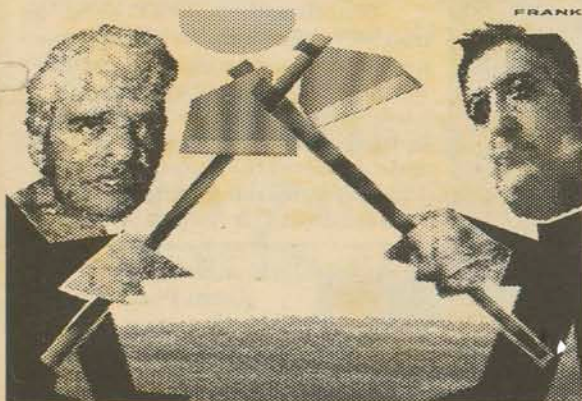
Aqui, onde a anunciada venda da Eletrosul afetará de forma mais intensa o crescimento da região sul que Furnas para a região sudeste, lamentavelmente não se vê nenhuma manifestação de preocupação da parte daqueles que tem a responsabilidade política, econômica e social com o futuro desta região e de Santa Catarina, em particular.

A diretoria da Eletrosul esquece seus compromissos de cidadania e obrigações constitucionais, como servidores públicos que são, e age como se a empresa já fosse privada. Documentos, informações e serviços trocam de mãos sem qualquer explicação. Procedimentos éticos profissionais, cuidados e sigilos empresariais sequer são respeitados. Compromissos com a sociedade então nem se fala. Nunca se viu uma diretoria tão distante dos interesses da comunidade à qual deveria prestar serviços. O que estes senhores esperam, afinal, do seu silencioso servilismo?

expediente

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC. Jornalistas Responsáveis: Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966) e Alessandra Mathyas (SC 00755 JP). Ilustrações: Frank Maia. Diretoria de Imprensa: Olga Leocádia Vieira. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030 Fone (048) 224-9114 Fax 224-9104 e-mail: sinergia@matrix.com.br

Agricultores prometem paralisar Machadinho



29 de setembro é o último prazo que o presidente da Eletrosul, Cláudio Ávila, tem para ir à barragem de Machadinho negociar com os atingidos. Se isto não acontecer, eles estão dispostos a paralisar a obra e obrigá-los os trabalhadores a saírem de suas terras.

Ávila se comprometeu mês passado ir negociar em Machadinho, em setembro. “Veio gente da Eletrosul preparar a agenda do encontro. Nada mais. Em Florianópolis, dizem que ele está no exterior, viajando”, conta Delmar Jaguszewski, da coordenação do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

A Eletrosul, para os atingidos, está se submetendo ao “pior papel possível” nesta história. “A empresa virou simples representante, testade-ferro, dos grupos privados que assumiram Machadinho. É uma tristeza ver uma estatal se transformar nisto”. Segundo Delmar, antigamente a Eletrosul, por ser uma estatal, trabalhava res-
quando alguns princípios. “A gente sentava com o pessoal da empresa e conversava, discutia as coisas num nível elevado. Agora, estas mesmas pessoas chegam aqui com um discurso estranho, defendendo interesses de grupos econômicos e nos rebaixando, dizendo que nossas terras não

A ATUALIDADE DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

**"Quando
o extraordinário se torna cotidiano,
é a revolução."**

**Ernesto
Che Guevara**

Em recente artigo, "As esquerdas e as novas lutas sociais na América Latina", da revista Lutas Sociais (SP), o cientista político norte-americano James Petras, aborda de forma vigorosa o tema da recuperação da esquerda na América Latina, apresentando a tese de que uma nova onda de lutas sociais desenvolve-se no continente e, também, analisa a composição social, formas organizativas e de luta de seu principal pólo dinâmico: o novo campesinato.

São movimentos sócio-políticos que moldam sua ação combinando a mística revolucionária e a energia da política. Têm poucos recursos financeiros, dispensam as formas personalistas de direção, buscam ser virtuosos na construção das relações pessoais, tentam construir um novo conceito de relação direção e base, têm uma visão crítica do oportunismo de certos setores da esquerda eleitoral e dos intelectuais das organizações não governamentais.

O ponto de partida de Petras é a necessidade de precisar conceitualmente "o que é esquerda", distinguindo três diferentes ondas da mesma, além de identificar os elementos que configuram uma nova esquerda na América Latina.

Iniciando nos anos 60 e indo até metade dos anos 70, a primeira onda englobava um conjunto de forças que continha várias correntes políticas, quebradas pela repressão e o terrorismo de Estado.

A segunda onda surge após as ditaduras como oposição aos regimes autoritários. Começaram criticando as políticas liberais, tendo como eixo a organização das lutas sociais e políticas, "mas terminam, algumas de fato, e outras implicitamente, devido às suas ações e coalizões, aceitando a globalização como inevitável, irreversível. Identificando o Estado como inimigo, aceitam as privatizações com matizes, alguns aplicando-as mais humanamente, etc. Esta onda começa a perder sua identidade como esquerda. No processo de sua transformação, vai se divorciando das lutas populares, imita o comportamento da direita e se esforça por montar máquinas eleitorais com política clientelista."

A terceira onda da esquerda surge mais claramente nos anos 90 e tem o campo como o centro da ação, pondo em questão o neoliberalismo.

Petras identifica na composição social do novo campesinato algumas características: muitos não são camponeses na sua origem, vêm de outras áreas da economia e de espaços urbanos, de onde

são expulsos pela política econômica neoliberal; são autônomos politicamente e sua organicidade afirma-se independente dos partidos políticos ou de outras organizações; concentram suas lutas nas atividades extra-parlamentares; incorporam a influência do marxismo, realizando um esforço teó-



rico-prático de atualização; e, por fim, tecem vínculos com organizações nacionais e internacionais, fortalecendo o campo da luta anti-imperialista.

A configuração teórica deste quadro está perfeitamente combinada à atual conjuntura latino-americana, onde desenham-se importantes manifestações de insurgência e rebeldia no campo e na cidade.

Exemplos significativos são as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC; os diversos grupos armados no México, além do Exército Popular Revolucionário e do Exército Zapatista de Libertação Nacional; o movimento dos *cocaleros* na Bolívia; o Exército Revolucionário do Povo, em El Salvador; e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, no Brasil. Também surgem espaços de manifestação contrária aos governos neoliberais no Paraguai e no Equador, com uma pauta de lutas dirigidas a partir do campo. São ainda, expressões de confronto à ordem, as manifestações urbanas construídas no Chile, Uruguai, Venezuela e, principalmente, na Argentina.

Sendo impossível nos limites deste artigo detalhar, com a importância devida, todos eles, destacamos pelo menos três, pelo seu grau de repercussão efetiva e duradoura no imaginário da luta anticapitalista em escala continental: "do México profundo, da Colômbia profunda, do Brasil profundo", emergem os camponeses protagonizando

um novo ciclo de lutas

Do México, as lições do zapatismo e do subcomandante Marcos apresentam-se "com uma dimensão articulada, expressiva, poética, dramática, com capacidade de mobilização internacional, formando um elemento a mais, nesta equação".

Na Colômbia, o exemplo das FARC, fincam sua bandeira de luta em 500 das 1000 comunidades camponesas. Segundo Petras, neste país além de ser mais factível a tomada do poder a partir do campo, existe como perspectiva a construção da aliança campo-cidade, formando um movimento de âmbito nacional.

No Brasil, o MST além de não se vergar à onda de descenso constrói, cotidianamente, ousadas formas de organização e mobilização. Destaca-se o MST como setor mais avançado em termos do nível de organização, extensão territorial, profundidade da consciência e capacidade de

gestar quadros políticos-sociais.

Com Petras, podemos dizer que "a ofensiva, as ocupações e as atividades do MST são uma das manifestações em crescimento que estão questionando a política liberal do governo e criando uma contra-hegemonia".



James Petras

Exemplo contundente é a resposta à articulação em curso da repressão contra os sem-terra efetivada pelo Ministro da Justiça, o governo estadual e os latifundiários, no Paraná. A resposta imediata vem da luta: iniciou-se nesta semana uma nova marcha, desta vez em direção à Curitiba, que culminará com diversas manifestações e atos políticos pela reforma agrária e contra a violência institucionalizada.

Num tempo em que, para muitos, a perspectiva em relação à construção da história de luta dos trabalhadores parece estar confinada à perversa idéia de fuga para a frente, entendemos necessário afirmar as idéias que brotam destas múltiplas experiências de combate anti-capitalista, afirmando ainda a vigência da imaginação utópico-revolucionária. Assim manifesta-se a atualidade do pensamento de Che Guevara.

**Texto de Adelaide Gonçalves,
Maria Margarida Barbosa Sampaio
e Mauri Antônio da Silva**